

PECUARIA PARAENSE

Prof. OCTAVIO DOMINGUES
Docente de Zootecnia Geral da Esc.
Sup. de Agric. "Luiz de Queiroz"

Uma vez visitando o Curro Modelo de Belem (1), apontou-me um marchante a diferença flagrante, palpavel entre os bois que ali mandam as duas grandes zonas pastoris do Estado: Marajó e Baixo-Amazonas.

Os bois da Ilha apresentam sempre um aspecto menos agradável do que os que provem dos campos marginaes do Amazonas paraense: mais per-nudos, nunca nedios, roliços, embora tambem gordos, antes angulosos, de pele e pêlos grossos, estragados pelo ecto-parasitismo, barbelas descidas e orelhas acabanadas — um assinalmento inconfundivel do seu maior ou menor parentesco com o gado indiano, cujo sangue foi logo introduzido ali com o fito louvavel de melhorar, ou pelo menos rusticar o rebanho marajoara. E sobretudo uma desuniformidade desoladora. Enquanto isso, os produtos do Baixo-Amazonas se apresentam, á nossa simpatia, com uma constancia de pelagem e formas que satisfazem, e ainda de pele limpa, pêlos menos grosseiros e mais curtos do que aqueles; nédios, formas mais roliças, ou menos angulosas, mais bois de açougue, enfim do que os zeburanas marajoaras.

Essa verificação parece militar em favor do mestiçamento desordenado com o zebu, promovido mais intensamente em Marajó, enquanto os rebanhos baixo-amazonenses parecem haver sido mais ou menos resguardados desse mestiçamento depreciador, pelo modo defeituoso sob o qual se processou.

O fazendeiro marajoara encontrou, é verdade, nos mestiços zebuaras (2) uma rusticidade e certa precocidade, que o conquistaram. Mas não soube conduzir esse mestiçamento de modo a não dar numa degeneração mais ou menos já sentida hoje. Ao passo que o criador do Amazonas paraense procurou antes apurar o tipo do seu gado, sendo-lhe menos facil, ou difficil mes-

(1) ... "nome duplamente extravagante"... como lembra Manuel Barata, pois si é *Curro*, não é *Modelo*; si è *Modelo*, não pode ser *Curro*, antes *Matadouro*.

(2) Não repare o leitor no ueologismo. Antes deve recebê-lo como um presente do ceu. E' termo criado pelo lidador de gado naquelas paragens. Brotou da terra como uma flôr patria. Não tem origens gregas, latinas, nem francona... nem é portugês tambem. E' vorabulo brasileiro: rez zeburana, boi zebuará... A nossa lingua só é pobre porque não queremos conhecê-la...

mo, cruzá-lo com o zebú em moda, pela sua falta de recursos, sendo como é em geral ali, um pequeno criador, uma especie de guarda ou depositario da semente bovina que o rio-mar tenta de vez em quando destruir com os seus extravasamentos periodicos e mortiferos.

*

“No momento das aguas baixas, escreve P. Le Cointe (1) — o aspecto de qualquer das fazendas estabelecidas nos terrenos de varzea, que marginam o rio Amazonas, em seu curso inferior e médio, fará crer com effeito, que as melhores condições materiais se acham ali reunidas naturalmente, para facilitar a existencia tranquila de numerosos rebanhos.

“Nos vastos campos ondulados que se desdobram, então a perder de vista, as elevações de seus *lextos*, já amarelescentes, alternando regularmente com os vales de um verde vigoroso, sob um clima que desconhece as variações bruscas da temperatura, e onde a vegetação conserva em todo tempo o mesmo vigor, parece que o gado deve viver e reproduzir-se em toda a liberdade e quasi sem cuidado.

“Mudar-se-á de opinião si se passar, pelo mesmo lugar, alguns mezes mais tarde, em plena epoca das chuvas e quando a enchente tudo recobriu com um lençol ininterrupto d'agua lamacenta, no meio do qual emergem, apenas aqui e ali, como ilhotas, os cimos copados de alguns tufos de arvores.

“O que é infelizmente certo, é que, longe de se terem desenvolvido, muitas fazendas amazonicas não possuem actualmente a metade dos animaes, que ali se poderia contar, ha sessenta annos passados. Desde essa epoca a repetição das enchentes extraordinarias do rio, em 1856, 1859, 1892, 1895, 1898, 1904, 1908 e 1909, produziu verdadeiros desastres.

“Em-quanto que as marés anuas normais do rio, depositando sobre as terras baixas uma espessa camada de limo, refrescam o campo e o fertilisam, a inundação geral, que resulta de uma enchente muito forte, tem consequencias terriveis em um vale tão largo e tão plano como o do Amazonas.

“Durante muitos mezes consecutivos, a quasi totalidade dos terrenos de aluvião achando-se alagada, todo o refugio falta para o gado, reduzido a patinhar, sem tregua, nos campos transformados em lagunas de aguas quentes e pantanosas, exposto sem abrigo ás chuvas torrencias que alternam com

(1) *L'Amazonie Brésilienne* -- Paris, 1922. Tomo II, pags. 55-57.

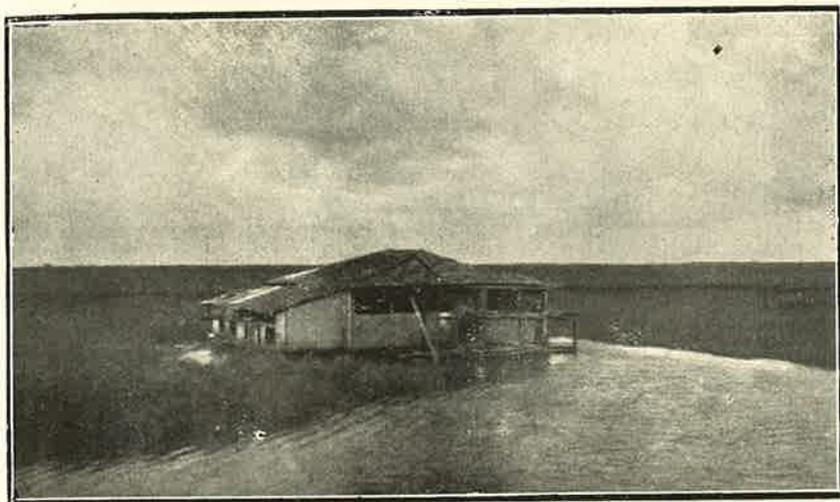


Fig. 1 — Aínda Marajó. Casa de pequeno criador á margem do rio Arari, que começa a transbordar

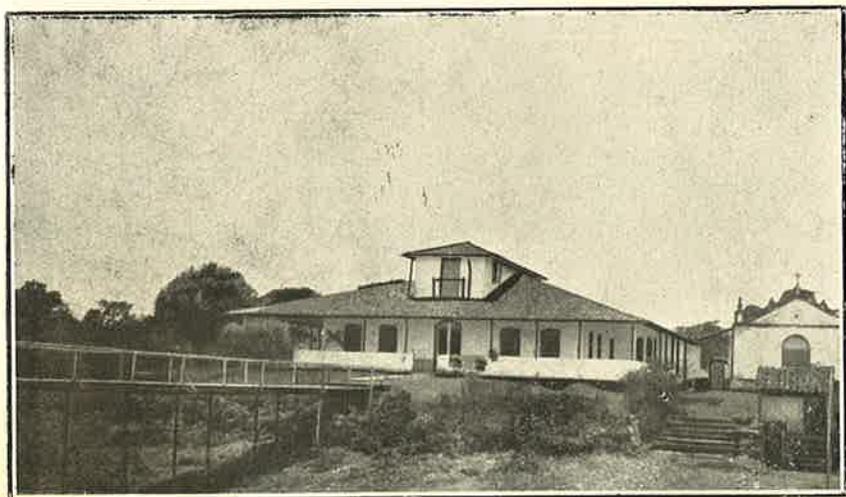


Fig. 2 — Antiga construção colonial (1696) dos frades das Mercês na ilha de Santanna, bocca do Arari, Marajó

um sol escaldante, sem encontrar a menor elevação onde possa, ao menos, por um instante, deixar secarem os cascos roídos pela vasa.

“A alimentação também faz falta: bois e cavalos, expondo se ao ataque das piranhas e dos jacarés, são obrigados a irem apanhar ao largo as hervas flutuantes que o vento arranca das margens longinquoas e passeia sobre os lagos, ou que as correntes arrastam nos canais principais.

“O melhor que se pode fazer é acomodar esses pobres animais sobre plataformas estreitas, formadas de muitas camadas de troncos juxtapostos, trazidos com muito trabalho, por flutuação e encalhados no ponto culminante de uma restinga; é o que se chama uma “moromba”. Eles aí passam semanas ou mezes, quasi imoveis, sofrendo toda sorte de intempéries, de pé, apertados um contra outros, os pés mergulhados na lama liquida e corrosiva, proveniente dos excrementos acumulados, e alimentados, apenas, pela magra ração de alguns feixes de hervas, que o criador, forçado, manda cortar ao longe.

“Desde alguns annos o sistema da “moromba” tende mesmo a se tornar um processo normal de criação nos terrenos menos elevados a que cobrem, todos os annos, as enchentes médias; muitos fazendeiros fazem agora construir, ao lado do curral, solidos estrados ligados ao solo por um plano inclinado, sobre os quaes, chegado o momento oportuno, o gado, repellido pela agua, se habitua bem depressa a subir instinctivamente, e onde passa, quatro ou cinco mezes, aglomerado, como sobre uma jangada solidamente ancorada em meio da planicie liquida.

“Começa, em seguida, a baixa lenta das aguas; este mesmo gado, escapado por milagre de um longo suplicio, magro, esgotado, é logo disimado pelas doenças, que se originam das aguas putridas acumuladas nos covões, e da erva apodrecida e coberta de limo, que ele tem necessidade de comer, enquanto espera que se formem novas pastagens nos terrenos que emergem pouco a pouco” (1).

*

E' como se vê a luta terrivel e intermitente do homem contra a natureza. E isso por falta de campos naturaes na terra firmes. Esses são raros e na mor parte ruins.

(1) Ha evidente exagero do autor, contudo o quadro em suas linhas gerais é esse. Tire-se aquela generalização, tire-se aquella “dizimação” em massa dos individuos escapos á cheia, e teremos a realidade. Pestes não surgem ali, assim como pinta o autor, por geração espontanea, da vasa putrida... E a “maromba”, si fosse um estabulo bem organizado, como os que abrigam os gados — até galinhas! — nos climas rudes da Europa, resolveria em parte o problema.

Virá logo á lembrança a formação de pastagens artificiaes, como se faz aqui no sul. Mas ali onde o solo é rico a mata é dobrada de grande, e as arvores são cathedrais — como disseram os primeiros colonos espanhois trazidos para a Amazonia. O trabalho de adaptação desses terrenos é penoso e caro. Demais, as gramineas forrageiras que aí semeassemos teriam que lutar ferozmente contra a concorrência desalmada das mais variadaservas infestantes, e por fim, com a propria mata que renasceria com vigor. É conhecido a riqueza dos solos tropicais emervas infestadoras, daninhas, concorrentes temiveis das plantas cultivadas nessas regiões. E essa riqueza de pragas vegetais é que engana o observador a respeito da fertilidade da terra; engana até aos tecnicos de julgamento apressado, de pobre base agromonica, como os que vão ali as Norte, em missões especiais “descobrir” a Amazonia e integrá-la na carta agricola do Brasil.

Ora, é essa falta de campos altos, livres do crescimento das aguas do Amazonas, é essa dificuldade de estabelecer prados artificiaes que limitam a prosperidade da pecuaria nessa região. Mas esse limite parece ser antes em numero do que em qualidade.

Sim, em numero e não em qualidade, porque o gado do Baixo-Amazonas parece ser melhor do que o de Marajó, região, como disse, mais propicia á industria pastoril.

Repito, é que por via dessa situação só existe ali o pequeno criador, sem recursos para acompanhar a febre zebuina que vem assolando há muito o Brasil, numa veemencia que, debaixo de certo ponto de vista, é tida como inquietadora. Sendo assim, pôde-se operar o apuramento desse rebanho donde aquelas qualidades que ele apresenta, e que apontei no começo destas notas, aindagora.

Ele não está tão azebuado ainda. C nvem portanto intensificar-se ali a propaganda pela manutenção de tais elementos evidentemente utilissimos num cruzamento com reproductores de raça. E estes, tambem ali devem ser levados, não pelo particular, que não pode arcar com os encargos de experiencias onerosas por certo, mas pelo governo federal, pelo seu aparelhamento de Industria Pastoril.

*

Ha uns dez annos que foi sancionada a lei que mandava criar naquella região uma Estação de Monta, mas até agora nada foi feito, que eu saiba, pela sua instalação, a não ser uma nomeação de um leigo para ella, nomeação que o Ministro Simões Lopes logo tornou sem effeito ao saber de tal. A verba, já em aproveitamento, foi recolhida ao Thezouro, e até hoje



Fig. 3 — Curral e casa de vaqueiro á beira-rio, no Baixo-Amazonas



Fig. 4 -- Ferra de gado na zona de Bragança

continua desamparada essa rica região pastoril, entregue á sua propria sorte e á iniciativa particular. Esta aliás não se tem conduzido tão mal assim. Há vista essa superioridade que todos sabem existir no boi procedente daqueles campos. Urge portanto uma ajuda acauteladora desse rebanho bem melhor, como opinam todos, do que o que se cria na mais importante zona pecuaria do Estado paraense. E essa ajuda, a meu ver, seria ainda uma Estação de Monta, tal como se fez na zona de Bragança.

O c t a v i o D o m i n g u e s

A gordura e a carne do capão

Muito interessante é esse estudo de Caridroit e Szumar, publicado na *Revue d'Histoire Naturelle Appliquée* (março de 1928) sobre a gordura e estrutura do musculo no capão.

A castração, como sabemos, traz modificações morphologicas e physiologicas e até psychicas. No gallo, pouco tempo após a ablação dos testiculos, pode se perceber que o metabolismo geral baixou e que o organismo do capão adquiriu uma propensão notavel para accumular gordura, sobretudo no abdome, peritonio, tecido sub cutaneo e entre os musculos. Um estudo histologico comparado entre a carne do gallo e a do capão, feito nos musculos da titella e das pernas, permitiu verificar que não ha nenhum signal de gordura entre as fibras musculares do gallo e do capão. Observou-se entretanto uma differença de estrutura: nos musculos do capão, as fibras musculares são mais espaçadas (frouxas) do que no gallo; o tecido conjuntivo que as une é mais abundante, mostrándose tipicamente frouxo. A causa dessa differença de estrutura parece residir na menor actividade do capão.

CRUZAMENTOS DE BOVINOS

Lemos no *Suddeutsche Landwirtschaftliche Tierzucht* de janeiro de 1929 a noticia de uma experiencia de cruzamento realizada por E. FEIGE, na qual esse zootechnista alemão verificou que num cruzamento entre uma raça *leiteira* e outra de *açougue*, os mestiços de primeira geração aproximam-se sempre da raça com maior aptidão leiteira. Ou melhor, a sua media de producção ultrapassa sempre a metade da differença entre a producção leiteira media de uma e da outra raça.

CAMBIO E MOEDA

E' preciso ter sempre em mente que os phenomenos monetarios são integralmente independentes dos phenomenos economicos e financeiros. Não ha nenhum factor economico financeiro que actue objectivamente, sobre o systema monetario. A orbita monetaria é uma, e a economica financeira é outra.

*

A unica influencia que os phenomenos economico-financeiros podem ter sobre a moeda é de ordem psychologica, isto é, a confiança ou desconfiança agindo subjectivamente e em virtude da ignorancia popular. Por isso mesmo, por falta de fundamento objectivo, as variações da moeda, decorrentes do grau de confiança, são sempre pequenas e ephemerass.

*

Os Estados Unidos, a Alemanha, o Chile e outros países estão atravessando, neste momento, a mais grave, mais vasta e mais profunda crise economico-financeira. No entanto o cambio desses países não está sendo em nada affectado pelo abalo economico-financeiro. E ninguém acredita que a moeda de taes nações possa vir a soffrer oscillações em consequencia da crise economica.

*

Que é cambio? E' a expressão do valor do papel moeda em relação ao ouro. E, como o ouro é a medida universal dos valores, cambio é, consequentemente, a relação entre as moedas dos differentes países, cada uma tomada no seu valor expresso em ouro.

*

E' o ouro contido, objectiva ou subjectivamente, na moeda de um país, objectiva si ella é moeda metal, subjectiva si ella é papel lastreado, que determina seu valor em face da moeda de outro país, conhecida a quantidade de ouro contida nessa ultima moeda, objectiva ou subjectivamente, conforme essa outra é moeda metal ou papel lastreado.

*

O que garante a moeda é o ouro nella contido intrinsicamente, si ella é moeda metal, e extrinsecamente si ella é moeda papel lastreado.

*

O cambio, na verdade, em nada é affectado, pela balança commercial, nem pela balança de pagamentos, nem pela balança de contas. Si a moeda papel é representativa de ouro, si não se emite sem lastro ouro, dentro da proporção determinada, é evidentissimo que, seja qual fôr o déficit da balança commercial ou da balança de pagamentos, o cambio não baixará, porque a garantia da moeda é o ouro e não as mercadorias ou os credits do commercio.

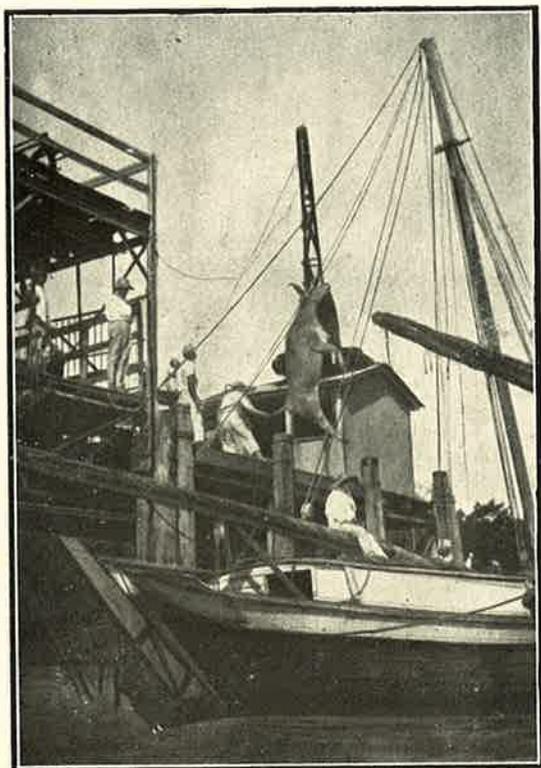


Fig. 5 — Como o boi é "recebido" no Curro Modelo de Belem. Guindado pelos chifres, passa, da canoa que o trouxe de Marajó, para o Matadouro. Enquanto é guindado uma balança regista seu peso

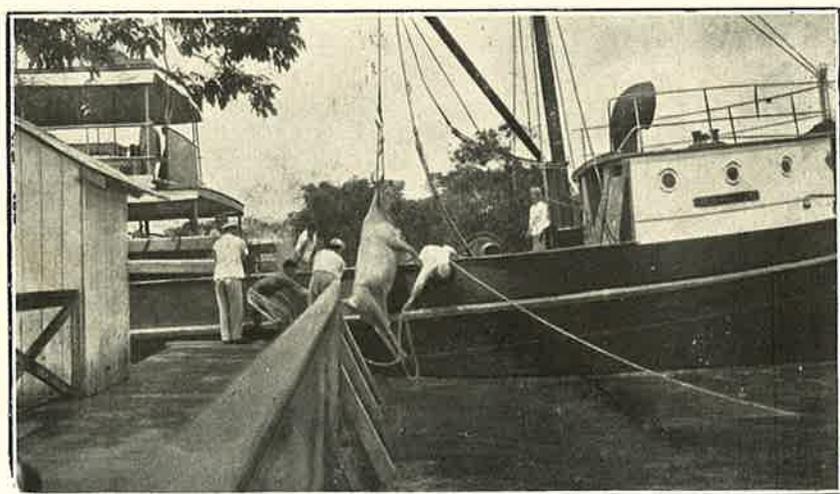


Fig. 6 — Na ponte da Fazenda Turjuyú, dos irmãos Miranda, Marajó, o navio